

# Retorização no discurso da SBPC nos anos 80

(Rhetorical procedures in SBPC's speech in the 1980's)

Luiz Rosalvo Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)

luiz.rosalvo.costa@usp.br, luizrosalvo@uol.com.br

**Abstract:** This paper analyzes the discourse of SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/Brazilian Society for the Advancement of Science) in an approach that explores possible links between the theory of the Bakhtin Circle and contemporary rhetoric. This paper postulates that both theoretical proposals have in common the recognition of the dialogic nature of discourse. In the analysis, we focus on the first editorial of *Ciência Hoje* magazine, published in July/August 1982, in order to show, among other things, the way by which the dialogism in the magazine discourse manifests itself and how it is articulated with rhetorical discursive procedures.

**Keywords:** speech; rhetoric; linguistics; SBPC; Bakhtin Circle.

**Resumo:** O presente artigo analisa o discurso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) a partir de uma abordagem que explora possíveis aproximações entre a teoria do Círculo de Bakhtin e a retórica contemporânea. Postulando que ambas as propostas teóricas têm em comum o reconhecimento da natureza dialógica do discurso, o artigo focaliza o primeiro editorial da revista *Ciência Hoje*, publicado na edição de julho/agosto de 1982, procurando mostrar, entre outras coisas, de que maneira se manifesta o dialogismo inscrito no discurso da revista e de que modo esse dialogismo se articula, no editorial em foco, com procedimentos discursivos de natureza retórica.

**Palavras-chave:** discurso; retórica; linguística; SBPC; Círculo de Bakhtin.

## Objeto e Pressupostos

O presente artigo aborda o discurso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, propondo-se a analisá-lo a partir da exploração de alguns possíveis pontos de contato entre a retórica (em especial na vertente contemporânea representada pela teoria da argumentação de que Chaïm Perelman é o principal expoente) e a teoria do Círculo de Bakhtin. Com isso em vista, examina o primeiro editorial da revista *Ciência Hoje*, publicado na edição de julho/agosto de 1982.

O postulado na base da reflexão aqui desenvolvida é o de que, para além de suas diferenças, as duas aludidas propostas teóricas, enquanto conjuntos de princípios, categorias e procedimentos articuláveis ao estudo do discurso, apontam, cada uma a seu modo, para a natureza eminentemente dialógica do ato discursivo, na medida em que tanto uma quanto outra atribui papel fundamental à *relação* entre o *sujeito* e o *outro* na elaboração discursiva.

No caso da teoria do Círculo de Bakhtin, isso se expressa principalmente pelos conceitos de *dialogismo*, que concerne, em essência, à ideia basilar de que o discurso é interiormente constituído *na e pela* interação com outros discursos, e *responsividade*, que se refere à propriedade do enunciado de se organizar como resposta a outros enunciados, reais ou virtuais, em circulação no contexto discursivo. Assentados sobre a noção de que

o discurso é intrinsecamente misto de subjetividade e alteridade, ambos os conceitos pressupõem que o enunciado concreto em que um discurso se manifesta não se reduz a uma construção linguística produzida por um sujeito que comunica a um destinatário o seu pensamento sobre um determinado objeto, mas representa, em vez disso, um elo na cadeia de comunicação da sociedade, constituindo-se como um evento sócio-historicamente situado, para cuja construção são mobilizados simultaneamente e em íntima articulação saberes e recursos linguísticos e extralinguísticos (BAKHTIN, 2000, *passim*).

No que diz respeito à retórica, a relação subjetividade-alteridade é contemplada em várias categorias, dentre as quais são destacadas para a análise aqui empreendida, de um lado, a noção de *ethos*, referida ao caráter do orador, ou seja, à imagem que o orador produz de si mesmo com o fim de angariar credibilidade e garantir a confiança do auditório ao qual se dirige, e, de outro lado, as noções de *doxa*, *acordo* e *hierarquia*, que remetem ao juízo de que o discurso estruturado sobre procedimentos argumentativos e, portanto, voltado para a persuasão, elabora-se em direção ao *outro*, levando em conta na sua construção o lugar, o ponto de vista e os valores do *outro*. É o que se observa, por exemplo, em *doxa*, concebida como o conjunto de crenças, valores, opiniões e referências ético-políticas compartilhadas socialmente, pressupondo-se a alteridade na ideia de que o locutor deve necessariamente se reportar, na elaboração dos seus enunciados, aos valores que partilha (ou aparenta partilhar) com os outros membros da comunidade. Com base na adesão comum a essas opiniões, crenças e referências compartilhadas é que o locutor constrói junto a seu auditório *acordos* a partir dos quais desenvolve sua argumentação, valendo-se, para o estabelecimento desses acordos, entre outras coisas, da formulação de *hierarquias*, ou seja, de relações, também compartilhadas, de superioridade e inferioridade entre valores (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, *passim*).

Dessa forma, a reflexão organiza-se em torno das seguintes questões:

- a) de que maneira se manifestam o *dialogismo* e a *responsividade* inscritos no discurso da revista materializado no editorial em exame?
- b) como esse dialogismo e essa responsividade articulam-se, no editorial em foco, com procedimentos discursivos de natureza retórica?
- c) que conclusões a análise do editorial examinado permite extrair acerca do discurso de divulgação científica da SBPC?

## O Contexto Discursivo

Uma vez que, nessa perspectiva, a comunicação discursiva é compreendida no interior de um processo de interação entre o *eu* e o *outro*, assume papel fundamental na análise o contexto discursivo, na medida em que é nele que se combinam as determinações da realidade histórico-social, a memória discursiva e as condições de enunciação sob cujos condicionamentos desenvolvem-se as relações entre o locutor e o auditório a cujo assentimento ele apresenta as suas teses.

Assim, levando em conta que a revista *Ciência Hoje* é lançada em julho/agosto de 1982, o seu discurso é interpretado aqui a partir de dois postulados fundamentais.

O primeiro é que a década de 80 representa um momento histórico em que se desdobra um processo (deflagrado na década anterior) cujo principal resultado é a configuração de um conjunto de valores, ideias e referências ético-políticas centradas na valorização do *novo* e do *povo*. Tal processo reflete e refrata no plano discursivo uma intensa movimentação política e social protagonizada por vários atores (entre os quais se destacam o movimento popular, o movimento sindical, a Igreja Católica, as ONGs de defesa dos direitos humanos e de educação popular, as ações institucionais em defesa da democratização etc.) que, buscando satisfação para demandas sufocadas durante a ditadura militar, vão problematizar a questão do papel e do lugar do povo na sociedade e na política e concorrer para a constituição de matrizes discursivas contrapostas às matrizes discursivas autoritárias então dominantes, nas quais o povo é relegado ao papel de objeto passivo de decisões alheias. Organizadas sob uma forte influência das relações cotidianas e baseadas na valorização do povo como sujeito da própria história e na defesa da construção de novas formas de organização da vida social, essas matrizes discursivas vão reivindicar para o povo um novo lugar na vida social e política do país, lugar este definido pelo reconhecimento dos seus direitos e pela legitimidade da sua participação nas decisões relativas ao seu destino.

Sob o influxo dessas movimentações é que passam gradativamente a receber acentos apreciativos negativos nos enunciados as posições ideológico-discursivas conservadoras, associadas à hierarquia, à dominação, à desigualdade, à segregação, à alienação, à discriminação e ao preconceito, enquanto, em contraposição, ganham acento apreciativo positivo a democracia, a participação, a luta por direitos, a solidariedade, o compromisso social, a politização e a cidadania, que pouco a pouco vão se constituindo nas ideias-força da *doxa* vigente na primeira metade da década de 1980.

O segundo postulado é que, lançada em julho de 1982 (portanto, em pleno desenrolar desses embates discursivos), na 34ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em Campinas/SP, a revista *Ciência Hoje* pode ser lida como expressão de um ato dialógico por meio do qual a SBPC, em interação com as determinações do contexto histórico-social, reitera a posição que desde meados da década de 1970 vinha assumindo ante o grande diálogo travado na sociedade brasileira no período, respondendo às inquirições que o fluxo interdiscursivo lança aos diferentes atores sociais acerca das questões em debate no país e do estatuto do povo na sociedade e na política.

Com a criação da revista, a SBPC responde a essas inquirições, posicionando-se não apenas no que diz respeito à divulgação da produção científica no país, mas também no tocante às relações da ciência e dos cientistas com o *cidadão comum* e a população *em geral*, ancorando, nesse processo, seu discurso em dois eixos básicos, sobre os quais passa a estruturar sua interação dialógica com o fluxo interdiscursivo. Um desses eixos é a *retorização*, traduzida no fato de, por meio de *Ciência Hoje*, a SBPC intensificar sua atuação em um registro discursivo cujo funcionamento não se assenta exclusivamente em procedimentos demonstrativos (supostamente objetivos) construídos por um locutor dotado de autoridade inquestionável que fala a um auditório de especialistas sobre certos objetos do dizer a partir de pontos de vista cuja legitimidade é incontroversa. Em vez disso, ao se apresentar, com a criação da revista, disposta a manter um canal de diálogo permanente com toda a sociedade, mergulhando nos debates centrais que nela se desenrolam, a SBPC assume abertamente uma face discursiva organizada não apenas em torno da

apresentação de fatos evidentes ou demonstráveis, marca com a qual o discurso científico procura se distinguir, mas também em torno da defesa de posições referidas ao universo do discutível e do controverso. Declara-se, desta forma, participante das discussões, antagonismos e tensões em curso na vida social e política do país e, desta forma, ao se colocar como mais um *sujeito no debate* coloca-se também como um *sujeito em debate*, refletindo e refratando no seu gesto, as vozes sociais para as quais, naquele momento, a ciência e os cientistas são também campos em controvérsia.

O segundo eixo, por sua vez, é representado pela *politização*, cujo cerne é a ideia, socialmente valorizada e muito disseminada naquele momento, de que a necessária reorganização do país passa obrigatoriamente pela reorganização dos processos de decisão e das relações Estado-Sociedade, pressupondo a constituição de espaços em que as questões de interesse da *polis* possam ser submetidas à discussão e ao debate públicos.

Sob a ação catalisadora desses dois impulsos, *Ciência Hoje* constitui parte de uma estratégia na qual a SBPC combina mecanismos discursivos dos campos científico, educacional e midiático, em que certos traços (como a cientificidade, a didaticidade, a informatividade etc.) configuram uma assimetria entre um locutor portador de um saber e um auditório dele desprovido, com procedimentos de natureza retórica cujo propósito é justamente – partindo das ideias, opiniões, valores e referências socialmente compartilhadas – estabelecer com o público em geral *acordos* com base nos quais busca, nos termos propostos por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a adesão às teses em cuja defesa se coloca. Entre essas teses, elaboradas no diálogo com outros discursos do momento, destacam-se, em primeiro lugar, a necessidade da democratização e de construção da cidadania no Brasil e, em segundo lugar, a importância dos cientistas, da ciência e da tecnologia no processo de desenvolvimento do país.

Além de exprimir-se em enunciados internos, a face retórica do discurso de *Ciência Hoje* manifesta-se em vários aspectos da própria criação da revista, entre os quais vale a pena destacar:

- O fato de se propor como uma revista de *divulgação* científica, apontando, portanto, de antemão, para a ampliação do auditório, agora não mais restrito à comunidade científica, grupos de especialistas, agentes do governo ou mesmo membros da *intelligentia* brasileira, mas extensivo a toda a sociedade, ou, pelo menos, a toda a comunidade de leitores;
- O projeto gráfico, caracterizado por um conjunto de traços destinados a marcar um afastamento em relação ao caráter austero típico das publicações científicas da época e assim atrair os leitores não especializados aos quais passa a se dirigir. Capa colorida e atraente, diagramação interna mais flexível, organização espacial menos concentrada, parte do miolo em quatro cores, diversidade de linhas, maior utilização de boxes explicativos e presença de ilustrações compõem uma programação visual voltada para a captação do interesse e da atenção desse auditório;
- A pauta dos assuntos tratados nas matérias, artigos, notícias e reportagens da revista, em que, ao lado das questões tradicionalmente contempladas no mundo da ciência, aparecem também (com frequência inédita) assuntos mais afeitos à vida social, política e cultural do país (futebol, arte, linguagem, religião, eleições, carnaval, música etc.);

- O nome da revista, em que se assinala uma distinção entre um presente (de modo subentendido, euforizado) e um passado (por oposição, disforizado), numa operação em que o sujeito discursivo declara seu alinhamento com o momento presente, os valores do presente e, por extensão, com uma visão de ciência também sintonizada com as exigências do novo momento.

Mas em nenhum outro elemento ou gênero manuseado na revista a natureza dialógica, responsiva e retórica da publicação manifesta-se de forma mais nítida que nos editoriais, os quais acabam se constituindo em terreno privilegiado para manifestação do intuito discursivo da SBPC de participar ativamente do debate em que se discutem as questões cruciais relativas à elaboração e implementação de um novo projeto de país que se supõe em construção. Em vista desse intuito discursivo, os editoriais de *Ciência Hoje* assumem, durante toda a existência da revista e especialmente nos seus primeiros anos, um importante papel de interlocução, constituindo-se em ponto de intersecção de diferentes esferas de atividade e de interação verbal: jornalística, científica, política, educacional etc. Por isto, é sobretudo neles que, em virtude de determinadas particularidades do gênero, podem se observar com certa nitidez alguns nexos relevantes entre o discurso da SBPC e a realidade histórico-social.

### **Análise do Editorial**

Para ilustrar essa linha de raciocínio, foi selecionado para analisar aqui o primeiro editorial da revista, publicado na edição de lançamento, em julho/agosto de 1982.

# APRESENTAÇÃO

*Ciência Hoje* é a revista de divulgação científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Tem a intenção de manter aberto um canal de comunicação direta entre a comunidade científica e o público leitor, intenção que reflete e acompanha a crescente preocupação das associações científicas — em particular a SBPC — e da própria ciência brasileira com seu papel em nossa sociedade.

É pouco corrente entre nós a divulgação científica. Não se encontra ainda um veículo de circulação ampla que se preocupe especificamente com a difusão da produção científica brasileira. *Ciência Hoje* pretende publicar basicamente artigos escritos pelos próprios cientistas. O esforço nesse sentido não será pequeno: os cientistas ainda não estão habituados a escrever para leigos, e cada vez mais abreviam suas formas de expressão, pelo uso quase obrigatório de uma linguagem carregada de jargão e de fórmulas, dirigida ao público restrito dos especialistas de sua área de pesquisa. O processo utilizado por *Ciência Hoje* é o do trabalho conjunto entre o cientista e o jornalista. Assim, a elaboração deste primeiro número reflete também o início da procura de uma linguagem devidamente acessível, sem prejuízo da qualidade científica do conteúdo. Da mesma forma se explica a ênfase atribuída à ilustração.

*Ciência Hoje* deverá, portanto, servir para que o cientista brasileiro possa se desincumbir de responsabilidades que lhe cabem, como a de fornecer à sociedade uma descrição inteligível de sua atividade criadora e a de colaborar no esclarecimento de questões técnicas e científicas de interesse geral. Não pretendemos ter encontrado a forma, ou a fórmula, de um veículo de divulgação científica, multidisciplinar,

com a participação de cientistas de todo o país. Mas pretendemos fazer um esforço de procura nessa direção.

*Ciência Hoje* pretende atender à nossa curiosidade. É da curiosidade que nascem as perguntas que impõem os homens para novos campos, novas descobertas, novos progressos, e é privilégio do cientista desfrutar plenamente desse impulso básico. O processo pelo qual se faz a ciência, no dia a dia dos laboratórios, na busca de respostas para as permanentes perguntas, é também assunto de *Ciência Hoje*. Neste particular, *Ciência Hoje* tem um papel desmistificador. Em *Ciência Hoje*, o cientista é uma pessoa comum, educada para o fim específico de encontrar na natureza e na sociedade as respostas para suas indagações. O cientista de hoje é um cidadão participante, comprometido com o ambiente em que vive.

*Ciência Hoje* tem compromisso com a democratização da cultura e, em particular, da ciência. Só com a divulgação do conhecimento, na forma de dados e informações confiáveis, colocados à disposição do público através de todos os meios de comunicação, será possível aumentar seu poder de análise crítica independente e tornar efetivo seu potencial de influência no processo que determina os caminhos para a sociedade como um todo.

Com esta publicação, a SBPC se dispõe a preencher um espaço vazio em nosso ambiente cultural, demonstra sua intenção de, mais uma vez, estimular os cientistas brasileiros a assumirem uma posição social mais generosa, e cumpre seu objetivo de incentivar o interesse do público em relação à ciência e à cultura.

Os Editores.

## O que é a SBPC

A SBPC tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico nacional; promover a cooperação entre pesquisadores; defender a liberdade de pesquisa e opinião; congrega pessoas e instituições interessadas no progresso e na difusão da ciência; incentivar e estimular o interesse do público em relação à ciência e à cultura.  
Fundada em 8 de junho de 1948 por um pequeno grupo de cientistas, hoje reúne

mais de 17.000 associados, e em suas reuniões anuais são apresentados cerca de 2.500 trabalhos científicos e realizados 250 mesas-redondas, cursos e conferências.

Através de suas Secretarias Regionais, promove simpósios, encontros e iniciativas de difusão científica ao longo de todo o ano.

### As publicações da SBPC

A SBPC edita desde 1949 a revista *Ciência e Cultura*, mensal desde 1972. Suplementos desta revista são publicados durante as reuniões anuais, contendo os resumos dos trabalhos científicos apresentados. Além desta revista e de *Ciência Hoje*, a Sociedade tem publicado boletins regionais e volumes especiais dedicados a simpósios e reuniões que organiza periodicamente.

### Como associar-se à SBPC

Podem associar-se à SBPC cientistas e não-cientistas que manifestam interesse pela ciência. Para isso, basta ser apresentado por um sócio ou secretário regional e preencher um formulário apropriado. A filiação somente é efetivada após a aprovação da diretoria e dá direito a receber a revista *Ciência e Cultura* e obter um preço especial para a assinatura de *Ciência Hoje*.

Pg 6 CIÊNCIAHOJE Julho/Agosto de 1982 N.º 1 Ano 1

Trata-se de um editorial investido de grande representatividade, uma vez que funciona como apresentação não apenas da edição inicial, mas da proposta da revista enquanto tal, sumariando seu projeto e anunciando as linhas discursivas que ela assumirá no decorrer dos anos seguintes.

Dada essa condição, o dialogismo e a responsividade inscritos na sua composição (considerados o contexto, a memória discursiva e as condições de enunciação) são movimentados pela intenção de demonstrar a necessidade e a relevância da revista, caracterizando-a como um fundamental instrumento de interlocução da comunidade científica com o restante da sociedade. Aliando, desse modo, na conformação do todo, os elementos típicos do gênero com as circunstâncias irrepetíveis do enunciado, o editorial articula, sobre bases dialógicas e responsivas, o querer-dizer do sujeito com as determinações do contexto histórico-social, estabelecendo relações interdiscursivas animadas pelo espírito da *politização* e da *retorização*.

A face mais visível dessa *retorização* é a presença de um percurso argumentativo cujo objetivo é conseguir a adesão do destinatário à tese de que, de um lado, na nova configuração social que se supõe em construção, a ciência e os cientistas, comprometidos com essa transformação, têm uma importância fundamental, e, de outro, o trabalho de divulgação científica proposto por *Ciência Hoje* representa significativa contribuição tanto para os cientistas, no sentido de ajudá-los a cumprir adequadamente o seu papel social, quanto para a sociedade em geral, no sentido de provê-la de informação e conhecimento, favorecendo, com isso, o desenvolvimento da sua consciência crítica.

A *politização*, por sua vez, traduz-se principalmente pelo fato de, nesse processo argumentativo, o sujeito tomar como ponto de partida premissas apoiadas em valores compartilhados e hierarquias vigentes na sociedade que apontam justamente para as relações de poder e os processos de decisão na sociedade.

Assim, a construção do editorial sintetiza o dialogismo e a responsividade da própria revista, explicitando o seu caráter de resposta a um contexto discursivo que inquirir os diferentes setores da sociedade, incluindo a ciência e os cientistas, sobre o papel a ser desempenhado por cada um deles na definição dos rumos da sociedade brasileira. Ao assumir, na sua qualidade de elo na cadeia de comunicação verbal, a posição da revista (e, por extensão, da SBPC) diante dos outros enunciados que fazem circular esse questionamento, o editorial declara tanto o seu alinhamento com determinadas posições quanto a sua discordância em relação a outras, recorrendo, para isso, a algumas das principais ideias-força do momento, expressas por certos pares opostos implícitos:

- (01) Tem a intenção de *manter aberto* um canal de *comunicação direta* entre a comunidade científica e o público leitor [...]

Amparando-se, retoricamente, na predileção do contexto discursivo por certos valores, o efeito produzido nessa passagem é a um só tempo a legitimação das posições do sujeito e a deslegitimação de algumas que lhe são contrárias, o que se efetiva, neste caso, com a oposição entre as ideias de *abertura* e de *fechamento*, evidentemente recaindo sobre a primeira, que corresponde à posição do sujeito, o tom apreciativo positivo. Desnecessário dizer que tal oposição se apoia firmemente no embate político-social entre democracia e ditadura (regime aberto *versus* regime fechado) que, nesse momento, é o grande debate no país. O procedimento é reforçado, na sequência, por outro par de opostos (*direto versus indireto*) por meio do qual os discursos associados a matrizes autoritárias são veladamente desqualificados. Incidindo o tom positivo sobre o polo do *direto*, o editorial se inscreve nas fileiras das posições ideológico-discursivas que, naquele momento, valorizam (em contraposição às indiretas) as formas diretas de atuação (a ação *direta*, a democracia *direta*,

a negociação *direta*, a eleição *direta* etc.), cujo ponto alto é a intensa mobilização que o país viverá, ainda na primeira metade da década de 1980, em defesa das eleições diretas para presidente da República.

Em continuidade, o parágrafo seguinte explora outra dualidade bastante presente no momento, que sobrepõe *amplo* a *restrito*. Aqui também a escolha lexical é decisiva para, ativando a memória discursiva e conectando o enunciado ao contexto histórico-social, carrear para o discurso do sujeito os acentos apreciativos positivos decorrentes do seu alinhamento às posições identificadas com a ampliação dos direitos e das liberdades. Para assinalar a força dessa hierarquia, recorde-se a campanha que, no final dos anos 70, mobilizara a sociedade em favor de uma anistia *ampla, geral e irrestrita*. Ao longo do parágrafo, procedimentos fraseológicos e gramaticais produzem uma iteração sêmica que, atuando discursivamente, consolida a avaliação positiva da ideia, reforçando-a com oposições da mesma linhagem (“especialistas” *versus* “leigos”, “linguagem carregada de jargões e de fórmulas” *versus* “linguagem devidamente acessível”). Com isso, constrói-se um *ethos* discursivo comprometido com a transparência e com a democratização da informação, mostrando-se decidido a colocar em diálogo o cientista e o jornalista com vistas à produção de um trabalho de divulgação capaz de atingir o cidadão comum. É, inclusive, ressaltado o esforço pedagógico necessário para capacitar o cientista, acostumado a um público restrito, a se dirigir à população em geral.

Outra grande ideia-força do momento é o gancho usado para fazer a ligação com o parágrafo seguinte, em que se explora argumentativamente a contribuição a ser dada por *Ciência Hoje* para que o cientista se desincumba das suas responsabilidades sociais. Aqui, o efeito pretendido pelo sujeito, ao que tudo indica, é o de usar em favor de sua tese a adesão da *doxa* à noção de *compromisso social*, posto que, na vida do país no início dos anos 80, ser social e politicamente comprometido é um traço de comportamento tão valorizado que beira a obrigatoriedade. Com esta operação, o enunciado, criticando veladamente as posições que apostam na apatia e no alheamento, propõe o engajamento, fazendo incidir acentos positivos principalmente sobre as posições ideológico-discursivas que propugnam pela politização da sociedade.

O parágrafo subsequente busca mostrar a sintonia da revista com os valores do seu tempo recorrendo a uma das ideias de maior força no contexto discursivo do início dos anos 80: a ideia de *novo*. Dada a identificação de grande parte dos problemas do país com as *velhas* estruturas e as *velhas* formas de organização da vida social e política, os enunciados em circulação no contexto discursivo passam em larga medida a ser assiduamente frequentados pelo *novo* euforizado, transformado em paradigma de virtude, beleza e justiça. Proliferam os enunciados carregados de sintagmas do tipo *nova sociedade, novo Brasil, novo sindicalismo, novos atores sociais, novas lideranças, novas formas de organização da vida* etc. Em consonância com esse espírito do tempo, o editorial não apenas faz o elogio do *novo*, como também associa o fazer científico e o comportamento do cientista com a sua busca (“é privilégio do cientista desfrutar plenamente desse impulso básico”). Mesmo assim, recusa a mistificação, informando que o cientista é um cidadão comum, educado para “encontrar na natureza e na sociedade as respostas para suas indagações”. Reitera, portanto, o vínculo do cientista com a comunidade, o seu compromisso social, uma vez que ele é “um cidadão participante, comprometido com o ambiente em que vive”.



No penúltimo parágrafo, o editorial lança mão da grande palavra de ordem do momento, *democracia*, destacando que o trabalho da revista está *comprometido* com a democratização da cultura e da ciência, e visa a contribuir para que, com acesso à informação, o público (a sociedade) aumente seu poder de análise crítica independente e, portanto, sua capacidade de interferir nas decisões que afetam os rumos do país. Reforçam-se, assim, mais uma vez, as ideias de compromisso e participação.

O editorial finaliza associando a criação da revista com a novidade, já que se trata de uma publicação pioneira, e com o compromisso social do cientista, chamado, com esta iniciativa, a assumir uma posição social mais generosa.

## **Conclusão**

Em suma, trata-se um editorial que, estruturado argumentativamente sobre as grandes ideias-força presentes na *doxa* da sociedade brasileira no início dos anos 80, procura transferir para o projeto da revista a adesão de grande parte da sociedade a essas ideias. Nesse sentido pode ser lido como um documento por meio do qual a revista lança as bases do acordo que propõe ao seu potencial auditório, mostrando sua intenção de, nos termos de Michel Meyer (2007), negociar com esse auditório a distância e as diferenças sobre as questões em debate na sociedade daquele momento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MEYER, Michel. *A retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## **BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA**

DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: \_\_\_\_\_. *Anos 90 política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico: retórica e argumentação*. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto (Portugal): Edições Asa, 1993.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34, 2001.

WEFFORT, Francisco Correa. *Por que democracia?* São Paulo: Brasiliense, 1988.